

# INTERTEXTUALIDADE EM CHARGES: UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA

Juliana dos Santos  
[prof.julianasantos@gmail.com](mailto:prof.julianasantos@gmail.com)

## 1. Introdução

Considerando o conceito de intertextualidade (KRISTEVA, 1974) e de *Blending* (FAUCONNIER; TURNER, 2002), pretendo analisar as relações intertextuais existentes em uma sequência de charges publicadas no jornal *O Globo*, do dia 26/03 ao dia 29/03/2010, totalizando 04 charges, cujo tema é “disputa eleitoral”. Para isso, apliquei um questionário, cujo objetivo era investigar a interpretação dos leitores em relação às charges dispostas na primeira página do jornal. O questionário foi respondido por dois grupos de 05 leitores. O grupo A interpretou as charges sem contexto e o grupo B respondeu às mesmas perguntas com contexto. Os questionários foram aplicados individualmente. No grupo A, os leitores não conseguiram identificar todos os personagens desenhados nas charges. Já no grupo B, com o contexto, todos os leitores identificaram os personagens.

Dessa forma, chego à seguinte hipótese: a leitura da notícia influencia a leitura das charges e suas interpretações, já que a notícia pode oferecer elementos necessários para uma interpretação mais crítica da charge.

## 2. Charge jornalística

A charge é um gênero textual que tem a função social de fazer uma crítica do contexto sociopolítico no qual estamos inseridos. A leitura da charge requer o conhecimento do contexto político, econômico e social do meio no qual a charge foi criada. Podemos afirmar que a charge possui um aspecto histórico e explora tópicos pertinentes ao “aqui” e ao “agora”. É um gênero que pertence à atualidade e ao consumo imediato, assim como outros gêneros jornalísticos. Para que uma charge seja lida anos após a sua produção e/ou publicação é necessário que o leitor recupere o contexto histórico de

produção da mesma, caso contrário, o leitor não conseguirá um nível profundo de interpretação, talvez nem reconheça os personagens abordados nela.

A natureza perecível, a união entre texto verbal e texto não verbal, a abordagem de temas políticos, econômicos e/ou sociais, a linguagem que tende ao coloquial e a presença de humor são as principais características do gênero textual charge jornalística. Através do humor e das imagens, esse gênero demonstra ter um caráter mais leve, comparado ao “peso” das notícias da primeira página dos jornais impressos. A charge se torna mais dissimulada na primeira página, pois cativa o leitor leigo e argumenta e persuade sem ele perceber.

Segundo Bergson (1983), “não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco (...). O riso é sempre o riso de um grupo.” Isso demonstra o caráter sociocultural do humor. Quando rimos todo um grupo ri também, uma vez que fazemos parte desse grupo. A charge utiliza o humor para argumentar e persuadir um determinado grupo, as pessoas que possuem o conhecimento prévio para entender o cômico da charge. Sem o conhecimento prévio e intertextual não haveria espaço para o riso.

Outra característica importante da charge é a presença de texto verbal e texto não verbal ou imagético. As charges são criadas por um cartunista que desenvolve um desenho e pode utilizar ou não o texto verbal. Alguns autores defendem que o texto verbal é uma complementação do texto imagético, dessa maneira, o texto imagético seria imprescindível na charge, enquanto o texto verbal não seria. Falando sobre a sua obra, o cartunista Chico Caruso, costuma deixar claro que o desenho expõe a idéia principal, mas não encerra o gênero charge, deixando as sutilezas e ironias muitas vezes para o texto verbal. Chico, por uma questão de estilo, opta por não desenhar o local físico e atribui sempre mais detalhes aos personagens, principalmente ao rosto, expressões e gestos. Outros autores defendem que tanto o texto verbal quanto o texto imagético, uma vez que se encontram ambos na charge, tem importância para o efeito de sentido. Dessa maneira, o texto verbal não seria apenas um complemento da significação da charge, mas uma questão fundamental para a sua interpretação.

Parafrazeando Eisner (1999), todos os elementos que aparecem nos quadrinhos são importantes, estabelecendo uma complementação na sua significação, através de todos os recursos possíveis: a imagem, a postura, os gestos, as cores, a perspectiva, o enquadre e o enunciado.

### 3. *Intertextualidade em charges*

Para discutirmos as relações intertextuais, é necessário que se estabeleça a concepção de texto que mais se aproxima do enfoque que pretendemos dar a este trabalho.

Texto em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema etc.) e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação (FÁVERO; KOCH, 1983, p. 25).

Como base nisso, podemos estabelecer os elementos de textualidade, que propõem as características comuns ao que denominamos texto. Segundo Beaugrande e Dressler (1981), são elas: situacionalidade, informatividade, coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade e a intertextualidade, que diz respeito aos fatores que tornam a produção e a inteligência de um texto possíveis, a partir da relação entre outros textos existentes.

O termo intertextualidade, como nós conhecemos hoje, começou a ser utilizado, mais precisamente pela francesa Kristeva (1974). Para a autora, nenhum texto é inédito e a construção do texto é decorrente de um mosaico de citações. Sendo assim, os textos possuem um caráter polifônico que carregam em seu conteúdo, não apenas a voz do autor, mas também muitas outras vozes, inclusive as de autores anteriores a ele. Ainda segundo Kristeva, podemos entender como intertextualidade a relação lógica que há entre textos. Considerando que nenhum texto é produzido ineditamente, o texto passa a existir dentro de outro de forma explícita, como ocorre nas citações com aspas, ou implicitamente, como ocorre nas alusões.

Os textos sempre trazem consigo idéias de autores anteriores, ou muitas vezes do mesmo autor em um momento distinto, entretan-

to sempre exhibe algo novo ou original em sua composição, que por sua vez dará o contorno da transformação que o texto antigo sofreu, estabelecendo relações de convergência ou divergência de ideias.

O termo paródia, para alguns autores, tem uma origem musical, pois consistiria em um canto ao lado de outro canto, que funcionaria como uma resposta ou uma contraparte – um contracanto. De acordo com Shipley (1972, *apud* SANT'ANNA, 2003), há três tipos de paródia: a verbal, a formal e a temática. A forma verbal, como o nome já diz, indica a alteração da escolha lexical. A mudança formal consiste na reorganização do texto, considerando principalmente o estilo do autor, bem como as suas técnicas, no entanto, há a finalidade de satirizar o estilo e as próprias técnicas utilizadas. A paródia temática remete ao exagero das peculiaridades do estilo e do produto de um autor. Podemos afirmar que a paródia mantém uma relação de divergência entre os textos interligados, de maneira que, entre esses textos há intenções comunicativas díspares, não reiterando as mesmas ideias e argumentos do texto anterior, mas estabelecendo uma relação de oposição de vozes que coexistem no mesmo texto.

Contrapondo o termo paráfrase ao termo paródia, podemos afirmar que a paráfrase consiste na reafirmação das ideias e do sentido de outro texto, buscando uma semelhança entre as intenções comunicativas do texto anterior. As escolhas lexicais consistem numa relação de sinonímia entre os textos. Dessa forma, o autor da paráfrase tende a escolher os itens lexicais pertencentes ao mesmo campo lexical do texto parafraseado. Gêneros textuais, tal como o resumo e o relato, podem ser considerados como textos parafraseados, uma vez que recuperam as idéias essenciais do texto anterior, não havendo a presença de comentário, mudança de sentido e de intenção comunicativa.

No jornal há uma grande variedade de gêneros, e estes, obedecendo a uma determinada temática, que está situada no plano político, econômico e social do meio em que circulam, estabelecem relações intertextuais entre si. A charge é um gênero textual que não sobreviveria sem a intertextualidade, principalmente porque é necessário fazermos as relações para recuperarmos o sentido e interpretarmos esse gênero apelidado como “arte precíval”. A notícia também está extremamente relacionada ao presente histórico, de forma que a

informação consumida hoje, no futuro pode não ser mais apropriada. Estes dois gêneros textuais tendem a estabelecer relações intertextuais. A notícia aparece no jornal com letras grandes, chamando atenção para o que há de mais notável no meio social. A charge recupera a notícia oferecendo uma segunda leitura ao fato anunciado. A leitura será apresentada através do humor das caricaturas e recuperam, em sua essência, as vozes contidas na notícia, no entanto, com intenções argumentativas divergentes ou pelo menos, diferentes. A caricatura e a charge são os exemplos mais típicos de paródia no jornal impresso.

#### 4. *Mesclagem e charges*

Fauconnier e Turner (2002) exploram o caráter simbólico do ser humano, vão além da forma em si, dos aspectos lingüísticos, olhando para o que há por trás da forma, a fim de entender a natureza do significado que a forma representa. Eles se preocupam em analisar os processamentos cognitivos do ser humano, relativos ao uso real da língua, a interação humana através dos textos orais, escritos ou imagéticos. Dessa forma, a linguagem seria apenas “a ponta do iceberg”. A linguagem, a sua estrutura e a forma seriam os gatilhos para os processamentos que estariam subjacentes à comunicação humana.

Segundo os autores, a integração conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa, crucial ao pensamento mais simples. Para eles, enquanto operação mental, não há diferenciação entre o pensamento de uma criança e de um adulto, ou entre uma pessoa que formula uma frase no cotidiano em uma conversa espontânea de outra que formula um verso de um poema complexo. A mescla também está presente no desenvolvimento de tarefas que envolvem combinações de ações. Dessa forma, a mesclagem faz parte da natureza do pensamento humano.

Mesclagem ou *blending* é o processamento cognitivo capaz de gerar uma conexão entre espaços mentais distintos que não estabelecem uma relação específica de similaridade no primeiro momento, mas que possuem traços comuns que permitem fazer a relação que será projetada em um espaço mental temporário. A integração é realizada por meio de uma rede (a rede de integração conceptual) e

dispões de, pelo menos, quatro espaços fundamentais: o espaço-genérico, dois espaços de input e o espaço-mescla.

O espaço-genérico consiste nos traços comuns aos dois espaços de *input* em qualquer momento da integração. Nele há o compartilhamento de elementos que podemos atribuir tanto ao espaço de “*input 1*” quanto ao espaço de “*input 2*”. Os elementos que serão utilizados na projeção estão “situados” nos espaços de *input*. Esses elementos são modelos cognitivos idealizados, que foram incorporados à nossa memória através das nossas experiências corpóreas e socioculturais. No entanto, a projeção dos elementos é seletiva, de modo que nem todos os elementos que pertencem ao espaço são projetados no espaço-mescla. O espaço-mescla é temporário e é criado a partir das projeções de determinados elementos. Toda a estrutura que circunscreve o espaço-mescla é chamada de estrutura emergente. A estrutura emergente se distingue das outras estruturas fornecidas pelos *inputs* e pelo espaço-genérico e possuem algumas peculiaridades que interferem no processamento cognitivo. Fazem parte da natureza da estrutura emergente a composição (*composition*), a completude (*completion*) e a elaboração (*elaboration*). A composição consiste nos aspectos que são selecionados nos espaços de *input* e não estabelecem relações de similaridade. A completude diz respeito a todo o conhecimento de mundo do leitor, isso inclui as suas experiências socioculturais, situações, enquadramentos, modelos cognitivos idealizados, os quais permitem que o interlocutor crie uma estrutura adicional que ampara o espaço-mescla. A elaboração consiste em elementos ou até mesmo situações que podem ser incorporadas ou não à mescla projetada, sem comprometer a estrutura emergente.

As charges analisadas compõem uma sequência de 04 charges que foram veiculadas, respectivamente, nos exemplares do jornal *O Globo* do dia 26, 27, 28 e 29/03/2010. A primeira charge da sequência (figura 1) traz a caricatura do presidente Lula e dos candidatos à presidência da república Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). O enquadre mostra que Dilma e Serra estão separados por Lula, que personaliza a figura de um juiz de boxe. Podemos inferir isso, a partir da roupa que está usando, uma calça preta, uma camisa branca de listras azuis e uma gravata borboleta. Dilma e Serra estão caracterizados como lutadores, usando roupões e luvas de boxe. Lula está dando instruções para o início da luta. Há também um enunciado na

parte inferior da charge: “Recapitulando: não vale dedo no olho.” Esse enunciado pode ser atribuído a Lula, porque a imagem mostra que Serra e Dilma estão com a boca fechada, enquanto Lula está representado como se estivesse falando. Podemos inferir que os lutadores que estão prestes a iniciar uma disputa já conhecem esse tipo de luta, uma vez que o juiz utiliza a palavra “recapitulando” para iniciar a sua enunciação. A expressão “dedo no olho” é utilizada metaforicamente para se referir a uma atitude que prejudica um sujeito de maneira não aceita pela moral social, significa trapacear. O ato de enfiar literalmente o dedo no olho de uma pessoa não é um golpe aceito na luta do boxe e nem em esportes como o vale-tudo.



Figura 1 (O Globo, 26/03/2010)

Quando lemos a charge é necessário, pelo menos, dois espaços de *input* que irão projetar os elementos para que seja possível conceptualizarmos Lula exercendo o papel de juiz de luta de boxe e de presidente, assim como Dilma e Serra enquanto lutadores de boxe e como candidatos à presidência. Decerto, isso também será um fator substancial para a deflagração do riso e do efeito de humor.

Em um espaço de *input* há Lula enquanto presidente, Dilma e Serra enquanto candidatos à presidência da república. Esse espaço está relacionado à campanha política e suas atribuições. Através do conhecimento de mundo, sabemos o que é típico ou não de um sistema presidencialista, do processo para que um presidente seja eleito, da eleição, da função que irá desempenhar, quem é o atual presidente, etc. Sabemos que para elegermos um presidente é necessário uma campanha política feita com determinadas regras eleitorais. Esse tipo de conhecimento varia junto com o leitor, dependendo inteiramente de todo o contexto social, histórico e cultural dele.



Figura 2 (*O Globo*, 27/03/2010)

Em outro espaço de *input* há um juiz de luta de boxe, dando instruções aos boxeadores. Esse espaço irá remeter ao conhecimento de mundo que está relacionado à competição enquanto esporte, da luta de boxe. Também estão relacionados a esse espaço: as regras da luta, as luvas de boxe, o ringue, os golpes etc.

No espaço genérico podemos atribuir o que há de comum aos dois espaços de *input*. Em ambos os espaços nós temos duas pessoas concorrendo a um determinado posto ou título, em que apenas uma delas conseguirá atingir seu objetivo que é vencer, mas que existem

regras para isso. O conhecimento prévio sobre luta de boxe e sobre campanha política é fundamental para a leitura da charge. Isso pode ser acessado perfeitamente pelo público-alvo do jornal no qual a charge se encontra.

A relação entre o domínio referente à política e o domínio referente à luta de boxe será feita apenas no espaço mescla. Dessa forma, conceptualizamos Lula (presidente) como Juiz e Dilma e Serra (candidatos) como lutadores. Quem torna possível essa associação aparentemente inusitada é o cartunista. O leitor, para interpretar a charge, também precisará fazer essas projeções, ou seja, precisará percorrer os mesmos mapeamentos que o cartunista projetou, mesmo que inconscientemente. Considerando que nos mapeamentos, apenas alguns elementos são projetados no espaço-mescla, percebemos no enquadramento da charge os elementos principais que devem ser projetados, sem os quais a conceptualização e o entendimento da charge seria afetada. São eles: Lula, Dilma e Serra, assim como o juiz, e os dois lutadores. Se o leitor não conseguir reconhecer ao mesmo tempo o presidente e o juiz; os candidatos e os lutadores; a interpretação da charge é afetada, não haverá humor.

Após a publicação da charge “Enfim Juntos!” (ver figura 1), a próxima charge que apareceu no exemplar do jornal do dia seguinte (27/03/2010) foi “Regras” (ver figura 3). Nessa charge há os mesmos personagens que foram representados na charge “Enfim Juntos” (figura 1). Eles estão caracterizados da mesma forma. No entanto, neste enquadre o próprio juiz é quem luta com o boxeador, quebrando a expectativa que foi elaborada com a leitura da primeira charge. O leitor entende que é próprio do lutador partir para o combate assim que a luta é autorizada. Esse conhecimento é estabelecido a partir do conhecimento que temos de como funciona uma luta de boxe e das funções de cada um de seus participantes. Dessa forma, também sabemos que faz parte do papel que o juiz desempenha o posicionamento “neutro” em relação aos seus participantes, bem como defender as regras que são estabelecidas para a luta de boxe. Nesse caso há um caso não prototípico de juiz.

No espaço-mescla há a integração dos elementos do *input 1* (espaço da política) e do *input 2* (espaço da luta de boxe). Dessa maneira, surgem outras significações. Através da charge e da represen-

tação dos personagens, observamos que o presidente Lula é quem ataca o candidato José Serra e não a candidata Dilma.

O enunciado que está presente na charge, como discurso direto: “Isso aqui, por exemplo, não pode...” é atribuído ao Lula. A presença do dêitico “isso” chama a atenção para a relação direta entre a fala e a imagem. Podemos inferir que o ato de chutar o candidato ao mesmo tempo em que enfia o dedo no olho é apenas um exemplo, ou seja, pode haver outros golpes que ainda não foram revelados. As reticências também conferem ao leitor um convite ao questionamento do que vem a seguir na sequência.



Figura 3 (*O Globo*, 28/03/2010)

As charges “Regras 2”, (ver figura 3) e “Regras 3” (ver figura 4) demonstram a continuidade da narração. Podemos concluir que em todas as charges a candidata Dilma encontra-se na mesma posição. Após a primeira charge, todas as outras da sequência mostram diferentes golpes aplicados por Lula em Serra. Isso nos remete à observação passiva de Dilma e a representação ativa de Lula, enquanto Serra é visto como o lutador que é agredido e Lula, o agressor. Também há uma aproximação da situação onde Lula ensina a Dilma o

que fazer e como fazer, demonstrando isso a cada enquadre representado através das imagens da charge e dos enunciados que fazem a relação dêitica entre os pronomes demonstrativos e os atos enquadrados nas charges.



**Figura 4** (*O Globo*, 29/03/2010)

Se lermos as charges separadamente, observaremos apenas um enquadre, no entanto, se acompanharmos a sequência, teremos uma idéia mais clara sobre a argumentação que sustenta as charges. Se observarmos apenas uma charge, não perceberemos, por exemplo, que o agressor é sempre Lula. O posicionamento de Lula enquanto ativo e Dilma enquanto passiva se agrava à medida que vemos a sequência de charges. Também a relação que o leitor faz entre a segunda charge e a primeira é fundamental para que ele entenda a quebra da expectativa que foi objetivada. Afinal, se faz parte do nosso conhecimento de mundo sobre lutas de boxe que o juiz deve ser imparcial na luta; se vemos que Lula está caracterizado enquanto juiz no primeiro enquadre, então criamos a expectativa de que ele, o juiz, será imparcial na charge e não o contrário. Isso é um dos fatores que

deflagram o riso e contribuem para o humor da charge. De fato, isso não poderia ser entendido sem que o leitor perceba a relação entre as charges. A ordem que elas foram publicadas também é um fator relevante. A primeira charge funciona como o enquadre que ancora o leitor. Ela mostra o início, a conversa entre o juiz e os lutadores. A segunda mostra a relação entre o que o juiz propõe na primeira charge em contraposição ao que ele demonstra na segunda; a terceira e quarta são sequências de golpes diferentes, mas podemos perceber que há uma situação progressiva de agressão, podendo ser observada através do posicionamento dos personagens no enquadre. Na primeira charge, o juiz está entre os dois lutadores e apresenta um tamanho inferior comparado a eles. Na segunda charge, ele cresce, e se inclina para o lado do Serra, aplicando os primeiros golpes: dedo no olho, chute entre as pernas. Na terceira charge e na quarta charge, ele está por cima e Serra está por baixo. Os golpes também são mais expressivos, portanto, há uma progressão em relação aos golpes: dedo no olho e chute entre as pernas, soco nas costas, e finalmente uma pisada nas costas. Isso remete a uma narrativa e se assemelha a uma tirinha publicada quadro a quadro. Dessa forma, recuperar as charges e identificar a relação intertextual que existe entre elas é primordial para haver uma leitura mais aprofundada.

No dia 26/03/2010 foi publicada no jornal *O Globo* a notícia: “TSE pune lula por campanha antecipada” ao lado da primeira charge da sequência analisada. Isso pode favorecer a relação entre a notícia e a charge no momento em que o leitor lê a primeira página do jornal. O texto noticia a multa que o presidente Lula teria que pagar pela “campanha antecipada” a favor da candidata Dilma Rousseff. Segundo o jornal, o presidente teria se referido à Dilma como a sua sucessora antes do prazo de três meses, estipulado por lei para que possa haver campanha política. Os modelos cognitivos idealizados que acionados para a leitura da charge são acionados também quando lemos a notícia e vice-versa. Os personagens que aparecem na charge são mencionados no texto escrito, no qual, além de Lula, Dilma, Serra, aparecem também o ministro Félix Fischer e o presidente do TSE Ayres Britto. Na charge, há dois lutadores prestes a se enfrentarem, enquanto no texto escrito há dois candidatos que participar da campanha para a presidência. Na charge, há um juiz que delimita as

regras, já no texto escrito, há um presidente que descumpre a regra do TSE.

As charges dialogam entre si e também dialogam com o texto analisado. A segunda charge (ver figura 3) evidencia ainda mais a relação com a chamada analisada do jornal. O título “Regras” faz menção à regra do prazo estabelecido pela justiça eleitoral. O ato do juiz de atacar o lutador, fazendo aquilo que ele disse que não era para fazer, na charge anterior, é uma crítica à postura do presidente Lula ao quebrar a regra do prazo para a campanha eleitoral. Ainda segundo a notícia, José Serra comemorou a multa aplicada ao Lula. Então, mesmo que ele esteja sendo golpeado na charge, ele aparece com um sorriso no rosto, que pode ser interpretado como um fruto da satisfação da punição que Lula sofreu do TSE. Enquanto nas charges há integração conceptual, que mescla o domínio da política e o domínio da luta de boxe, na chamada do jornal não dispomos desse mesmo processo cognitivo. Dessa maneira, apenas na leitura da charge há a criação de um espaço mental temporário que projeta elementos da política e da luta de boxe.

### 5. *Considerações finais*

A leitura da notícia influencia a leitura das charges, uma vez que oferece ao leitor conhecimento prévio para a identificação dos elementos representados no quadrinho. Isso favorece as relações de intertextualidade. Consideramos, assim, a integração conceptual um caminho para auxiliar a compreensão do processo de leitura e intertextualidade entre as charges e demais gêneros textuais, uma vez que considera o ato de ler enquanto processo cognitivo, indo além do material linguístico.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio obre a significação do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FERRARA, L. A. *Leitura sem palavras*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- GARCIA, L. *Manual de redação e estilo*. 19. ed. São Paulo: Globo, 1993.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LAGE, N.; ROUCHOU, J. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: EDUEM, 2000.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.